

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo III do Tempo Pascal - Ano C – 04.05.2025

1ª leitura – Atos 5, 27b-32.40b-41

Salmo – Salmo 29 (30)

2ª leitura – Apocalipse 5, 11-14

Evangelho – João 21, 1-19

O evangelho de hoje mostra os discípulos de volta à Galileia, de volta à sua rotina, anterior ao momento em que Jesus se cruzou nas suas vidas. Voltaram a pescar, voltaram à antiga vida, como se a Ressurreição ainda não tivesse mudado tudo. À primeira vista, parece que tudo voltou ao normal. Mas não é um regresso por nostalgia ou fracasso. É ali, no quotidiano, que Cristo ressuscitado lhes aparece e se manifesta. Quando estamos confusos, decepcionados ou sem rumo, temos a tendência de voltar ao que é familiar, ao nosso porto seguro, mesmo que isso pareça não fazer sentido.

Pedro, João e os outros voltaram a pescar, mas não são os mesmos. A ressurreição mudou mesmo tudo. O que antes era desânimo, agora quer tornar-se missão.

De facto, Cristo ressuscitado não nos retira da nossa realidade, mas envia-nos de volta a ela com uma nova perspectiva.

Pedro, João e os outros voltam ao barco. A noite inteira lançaram as redes e nada pescaram. A faina é cansativa e infrutífera. Este é o símbolo do esforço humano sem a presença de Cristo: estéril, frustrante. Quantas vezes isso acontece também connosco na vida pastoral, familiar ou espiritual? Sobretudo quando nos afastamos do projecto de Deus, manifestado em Jesus Cristo, não “pescamos” nada. Quem vive à margem de Cristo pode até trabalhar muito, mas colhe pouco. A presença de Jesus é decisiva.

Só ao ouvir e obedecer à voz do Ressuscitado é que as redes se enchem. A iniciativa é sempre d’Ele. Nós colaboramos, mas é Ele quem transforma a esterilidade em fecundidade. Jesus prepara pão e peixe: um eco da multiplicação dos pães e da Eucaristia. Não é só sustento físico; é comunhão.

A barca da Igreja só pesca com sucesso quando age conforme a Palavra de Cristo e se propõe realizar a vontade de Deus, em comunhão com os irmãos e as irmãs; em comunidade.

Depois da refeição, vem o momento decisivo: Jesus então faz a Pedro a pergunta que toca a ferida aberta no pátio do Palácio de Pilatos: “Simão, filho de João, tu amas-me?” Três vezes. Como três vezes Pedro o negara. Não há condenação, mas também não há fuga da verdade. O Ressuscitado não esconde as feridas do passado, mas cura-as com amor e confiança, confiando uma missão.

Cada resposta de Pedro é seguida por uma missão: “Apascenta as minhas ovelhas.” Ou seja: o amor autêntico a Cristo prova-se no cuidado com os outros, especialmente os mais frágeis. Não adianta dizer que amamos Jesus se abandonamos o próximo ao seu destino cruel, para onde o empurram as violências, as injustiças, o desemprego, a doença, a falta de oportunidades... A Ressurreição de Jesus convoca à responsabilidade do compromisso.

A primeira leitura relata tempos de perseguição e sofrimento: os apóstolos são perseguidos, açoitados, mas felizes por sofrer “em nome de Jesus”. “É preciso obedecer a Deus antes que aos homens.”

Este é o fruto da fé pascal: coragem diante das ameaças e perseguições; fidelidade diante do sofrimento e das ameaças de morte. Não existe cristianismo verdadeiro sem perseguição. Quem quer seguir Cristo sem cruz vive na ilusão...

O Apocalipse mostra a visão do Cordeiro vitorioso sendo adorado no céu. Toda a liturgia da terra é antecipação da liturgia celeste. Aquele que foi morto está vivo, e reina.

O tempo pascal é tempo de missão, de reencontro com Cristo na vida real, no trabalho, nas falhas, nas perseguições.

Entretanto, o Ressuscitado vai-nos perguntando, como a Pedro, diante das nossas fragilidades e traições: “Tu amas-me?” A resposta não está nas palavras. Manifesta-se na nossa maneira de viver.